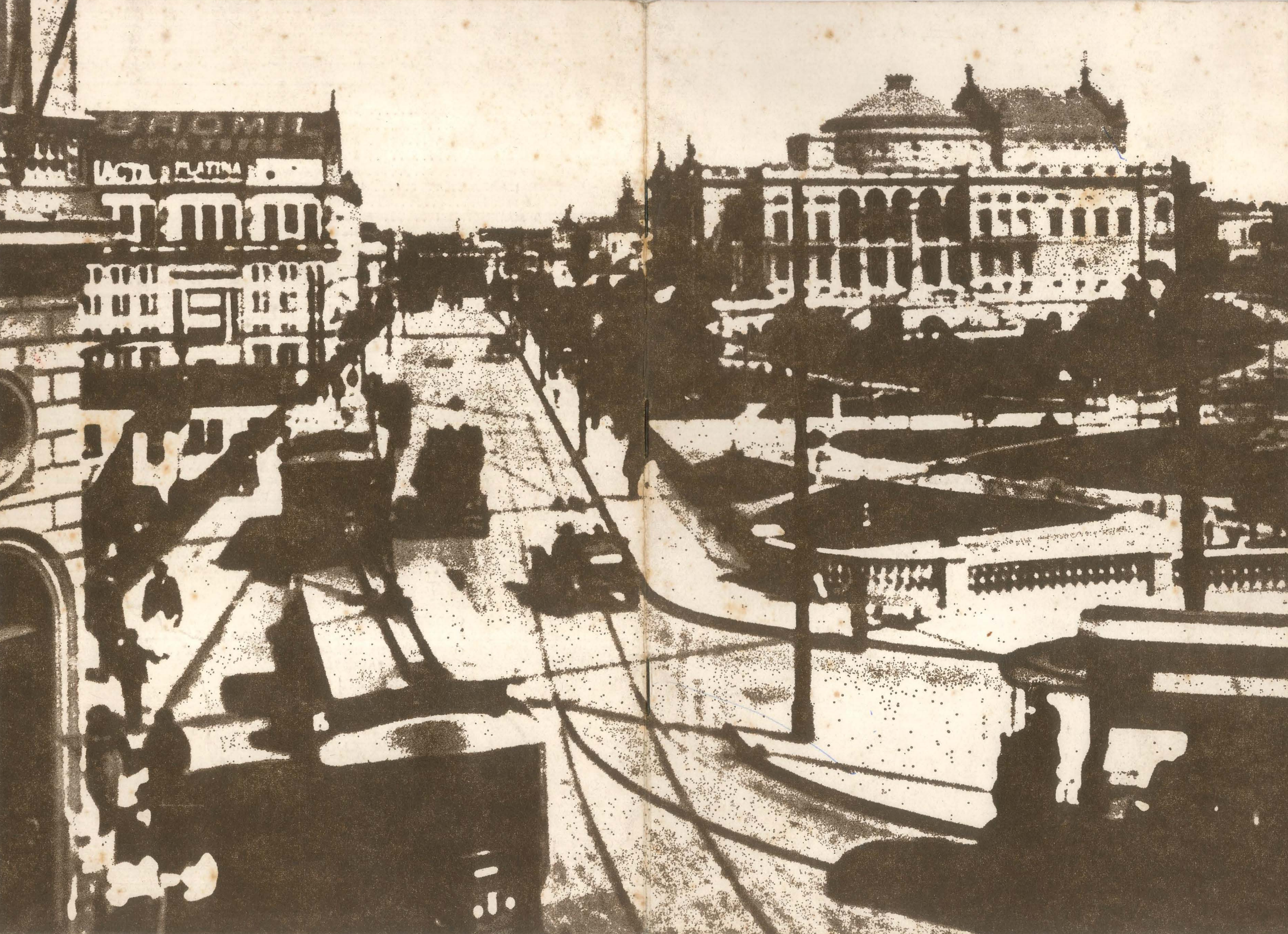


Prefeito do Município de São Paulo
Dr. OLAVO EGYDIO SETUBAL

Secretário Municipal de Cultura
Dr. SÁBATO ANTÔNIO MAGALDI

Teatro Municipal — Diretor Artístico
Maestro ELEAZAR DE CARVALHO

Capa

Viaduto do Chá e Teatro Municipal,
vistos da Praça do Patriarca, c. 1915.

Festival Internacional de Música, Dança e Teatro

promovido pela

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA da PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

com a colaboração da

SECRETARIA DE CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCERTO DE INAUGURAÇÃO

Terça-feira, 1 de Julho de 1975 — às 21 horas

— PROGRAMA —

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770 - 1827)

1.ª Parte

CONCERTO Nº 1, em Dó Maior, Opus 15
para piano e orquestra

I — Allegro con brio
II — Largo
III — Rondó — Allegro scherzando
Solista: **JACQUES KLEIN**

2.ª Parte

NONA SINFONIA, em re menor, Opus 125

Parte vocal final, baseada na «Ode à Alegria», de Shiller

I — Allegro ma non troppo, un poco maestoso
II — Molto vivace: Presto
III — Adagio molto e cantabile
IV — Presto: Allegro
Allegro assai
Presto
Recitativo vocal
Quarteto vocal solista e coros: Allegro assai
Tenor solo e coros: Allegro assai vivace, alla marcia
COROS: Andante maestoso
Adagio ma non troppo, ma divoto
Allegro energico, sempre ben marcato
Quarteto vocal solista e coros: Allegro ma non tanto

COROS: Prestissimo.

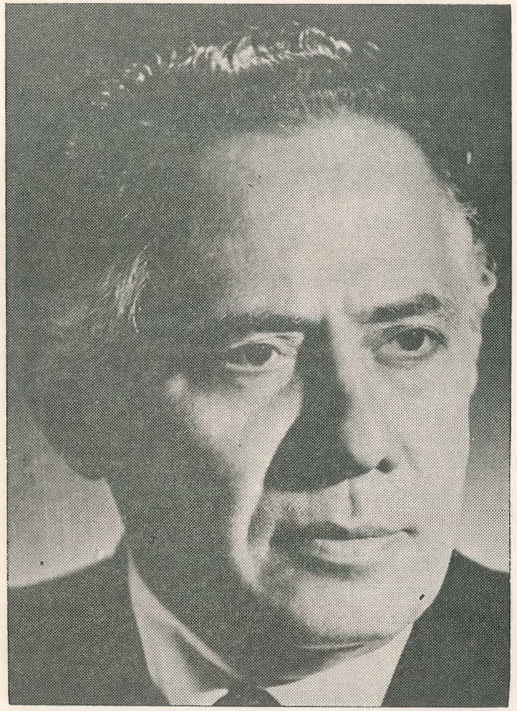
Solistas: Soprano — **RUTH FALCON** (USA)
Meio-soprano — **CAROL ROSEN** (Inglaterra)
Tenor — **ALDO BALDIN** (Brasil)
Baixo — **KIM BORG** (Finlândia)

CORAL MUNICIPAL

Maestros preparadores do côro:
MARCELLO MECHETTI — ZUÍNGLIO FAUSTINI

ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL

Regente **ELEAZAR DE CARVALHO**



ELEAZAR DE CARVALHO

Nasceu em Iguatu, no Estado do Ceará. Possui diploma de Maestro, conferido pela Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos que concluiram o curso superior de Composição e Regência (1940). Estudou regência com Serge Koussevitzky, no Berkshire Center (Tanglewood, USA), de quem foi, posteriormente assistente (juntamente Leonard Bernstein), e sucessor, na cátedra de Regência, de 1951 a 1965.

Possui o diploma de Doutor em Música (DM), conferido pela Washington University (St. Louis, Missouri, USA) — 1963 e o diploma de Doutor em Letras e Humanidades (UHD), conferido pela Hofstra University (Hempstead, New York, USA) - 1970.

Foi Professor Catedrático de Regência da Escola Nacional de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Guanabara; da South Florida University, Tampa-Florida; da Juilliard School of Music, New York, NY-USA; do Berkshire Music Center, USA; da Washington University (St. Louis Missouri-USA), e da Hofstra University Hempestead, NY-USA).

Entre seus alunos de regência que estão ocupando postos no cenário internacional da música, entre outros: Cláudio Abbado, Itália — Zubin Metha, Índia — Seiji Ozawa, Japão — Kenneth Schermerhon, USA — Gustav Meier, Suiça — Harold Faberman, USA — Serge Founier, França — Oleg Kovalenko, Rússia — Woun-Sik Lim, Coréia — David Wooldbridg, Inglaterra — Win Morris, Inglaterra.

Estreou nos EE.UU., em 1947, à frente de uma das mais prestigiosas instituições musicais do mundo, — a Orquestra Sinfônica de Boston — surpreendendo o público americano pela naturalidade, sinceridade, musicalidade e conhecimentos demonstrados sobre os detalhes da execução da Sinfonia Fantástica, de Berlioz e, posteriormente, as Sinfonias de Mahler e Beethoven.

Depois dessa auspiciosa estréia a sua passagem por todas as grandes orquestras norte-americanas foi automaticamente requisitada.

Na Europa, sua estréia teve lugar no «Palais des Beaux Arts», de Bruxelas, em 1950, ao lado dos mais afamados regentes da época, passando a reger, em seguida as grandes orquestras do Velho Continente, cuja extensa lista é encabeçada pelas Orquestras Filarmônica de Viena e de Berlim.

É o «Conductor Emeritus» da St. Louis Symphony Orchestra, USA., da qual foi Diretor Musical e Regente Titular, e é o da PRÓ-ARTE Symphony Orchestra (Hempstead, New York).

Além do cargo de Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo é, também, o Diretor Geral e Artístico dos Teatros do Município de São Paulo.

Já regeu todas as principais orquestras de quase todas as grandes cidades do mundo, em mais de 3.000 concertos. É membro da Academia Brasileira de Música (Cadeira n.º 41).

Possui inúmeras condecorações inclusive a da Legião de Honra, da França.

JACQUES KLEIN

Jacques Klein nasceu em Aracatí, Estado do Ceará.

Fez seus primeiros estudos no Conservatório Alberto Nepomuceno (fundado por seu pai) e, a partir de 1940, com Liddy Chiafarelli Mignone, no Conservatório Brasileiro de Música.

Em 1949 foi para os Estados Unidos da América do Norte onde prosseguiu seus estudos sob a supervisão de William Kapell, em Nova Iorque. No período de 1952/1954 com Bruno Seidhofer na Academia de Viena.

Em 1953 obteve, por unanimidade o 1.º prêmio do Concurso Internacional de Execução Musical de Genebra entre 114 concorrentes de 33 nações. Este prêmio não era outorgado desde 1948 e, dada a sua importância, abriu ao jovem pianista as portas de uma carreira internacional.

Além desse prêmio, Jacques Klein, no decorrer de sua carreira pianística recebeu vários títulos:

— professor honoris causa de conservatórios brasileiros e europeus.

— medalha Harriet Cohen, de Londres, como melhor pianista da temporada de 1955.

— medalha do centenário de Paderewsky, de Londres.

— 5 títulos de melhor concertista do ano, no Rio e em São Paulo.

— medalha Carlos Gomes, concedida pelo Governo da Guanabara.

— medalha Clóvis Beviláqua, concedida pelo Ministério da Educação.

— condecoração de «Cavalheiro da Ordem Isabel, a Católica», oferecida especialmente pelo Generalíssimo Franco.

— título de Comendador da Ordem do Mérito do Trabalho, conferido em maio de 1970.

— título da Ordem Rio Branco, conferido pelo Ministério das Relações Exteriores, em 1972.

Atividade Didática

Jacques Klein administrou cursos em Curitiba. Anualmente, no Conservatório Brasileiro de Música, Escola Nacional de Música Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Miami.

Atividade Concertística

Esta atividade tem sido intensa desde seu «debut» com a Filarmônica de Londres no Royal Festival Hall, em 1954, após a obtenção do 1.º prêmio no Concurso de Genebra. Desde então tem atuado com frequência, ultrapassando já o número de mil apresentações públicas, sendo solista habitual das mais renomadas orquestras de inúmeros países.

RUTH FALCON

Ruth Falcon — Em 1964 terminou a «Loyola University of South» como Bacharel em música. Diplomou-se em Belas Artes em 1971 pela «Tulane University» e em 1973, obteve o diploma de Professora de Canto na University of Southwestern Louisiana». Em 1973 fez o curso «Tito Gobbi master Class», em Florença. É portadora dos seguintes prêmios: 1965 — 1.º Prêmio — Connecticut Ópera Auditions; 1966 — Prêmio Santa Fé Ópera Apprentice Arts; 1967-1969 — Prêmio Martha Band Rockefeller — Fund for Music Grants; 1968 — Chautaugua Ópera Apprentice Artist; 1972 — Semi-finalista Metropolitan Ópera; 1973 — 2.º Prêmio — Concurso Internacional para vozes Verdianas — Busseto; 1974 — 1.º Prêmio — Concurso Internacional de Canto de Vercelli.

CAROLE ROSEN

Carole Rosen ganhou uma bolsa de estudos do Governo austríaco em 1959, seguido de dois anos de estudos providos pelo Conselho de Artes, na Academia de Música de Viena. Em Londres estudou com Helene Isepp e Lucie Manen.

Fez sua estréia em Londres, no Festival de Artes de St. Pancras de 1962 na «premiere» britanica de uma nova ópera sueca e, como resultado foi convidada a participar da ópera «Carmen», em produção da televisão da BBC.

Em 1964 aceitou contrato como meio soprano na Companhia de ópera da Cidade de Flensburg, na Alemanha do Norte, onde seu trabalho constou de vinte apresentações como Azucena, dez como Amneris e duas atuações na 9.a Sinfonia de Beethoven em Hamburgo e Flensburg.

Na Inglaterra, Rosen tem cantado como artista convidada de Sadlers Wells e da Haendel Ópera Society.

Seus sucessos em Londres a tem levado a apresentar-se por toda a Grã-Bretanha a convite de Associações Musicais e Sociedades Corais além de apresentações na Áustria e Israel.

Seus mais recentes sucessos líricos incluem «Dido e Aeneas», no Festival de Windsor e «Um baile de máscaras» no London Coliseum (1973). Outros convites a têm levado a Suécie, França e Bélgica. Em 1973 apresentou-se em uma série de concertos com a Orquestra Sinfônica de Jerusalém regida por Lukas Foss cantando «Das Lied von der Erde», «Oedipus Rex» e «Danças e Canções da Morte», de Mussorgsky.

Participou, como membro do júri, do VII Concurso Internacional de Canto do Rio de Janeiro, no corrente ano.

KIM BORG

Descendente de uma família de artistas, o grande baixo finlandês é também compositor e professor.

Debutou em 1945. Pràticamente já cantou todas as partes de baixo profundo ao baixo cantante tanto em óperas buffas como nos dramas líricos de Wagner.

Foi o único baixo do Ocidente a cantar o Boris Gudonov no Teatro Bolshoi.

Fez parte do quadro de cantores dos seguintes Teatros de Ópera: Copenhague, Helsinki, Munique (Stadt Oper), Stocolmo (Royal Ópera), New York (Metropolitan), Hamburgo (Stadt Oper) e como artista convidado na Ópera de Viena.

Fez «tournées» em 26 países da Europa, na Ásia, Africa, América do Norte, Austrália, e Nova Zelândia.

Em 1972 foi nomeado Professor do Royal Conservatory de Copenhague, continuando como cantor ativo da Ópera Real de Stocolmo.

Participou nos Festivais de Salsburgo, Edimburgo, Viena, Berlin, Praga, Nice, Helssinki, Osaka, Ann Arbor e outros.

Gravou discos de óperas completas, oratórios, lieder e peças sinfônicas com a DDG, EMI, DECCA, COLUMBIA, PHILLIPS e outras.

Foi membro de júri dos seguintes Concursos Internacionais: Munique, Viena, Salsburgo, Hertogenbosch, Moscou e Barcelona.

É Presidente da Sociedade de Cantores da Dinamarca.

ALDO BALDIN

Dotado de «a mais bela voz masculina do Brasil», segundo a crítica, Aldo Baldin formou-se em piano e violoncelo na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Estudou canto no Rio de Janeiro e aperfeiçoou-se em Frankfurt, cidade na qual obteve nota máxima, que os examinadores lhe concederam por unanimidade.

Primeiros lugares nos concursos «Carmem Gomes» (Rio, 1968); «Vera Janacopulus» (Rio, 1970); «IX Concurso Internacional de Canto de Barcelona» (1971) e no «Concurso das Escolas Superiores de Música da Alemanha», em 1973.

Recitalista e solista de oratórios, Aldo Baldin vem atuando na Venezuela, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Portugal, Suiça, França, Austria, Holanda, Inglaterra, Itália e Luxemburgo, além do Brasil.

Em 1974, quando residiu vários meses em Blumenau, estruturou a cadeira de canto da Escola Superior de Música daquela cidade. No mesmo ano, excursionou pelo Brasil como solista do Conjunto Brasileiro-Alemão

De sua agenda, assinalamos:

Representante do Brasil em Bratislava, Iugoslávia, na Tribuna Internacional dos Jovens Artistas; Gravação das Cantatas, de Bach; Gravação de toda a obra coral de Bach e Missa em Dó Maior, de Beethoven a serem lançadas até 1980, pela gravadora Claudis Verlag, da Alemanha.

Dentre as críticas, destaca-se a publicada na cidade de Wiesbaden, na Alemanha: «A grande e nova descoberta é o tenor brasileiro ALDO BALDIN. Ele é um cantor instrumental, tem brilho de ouro sobre uma base firme e acima de tudo a voz é inteiramente maleável, conforme o revelado nas longas e difíceis coloraturas da ária «Frohe Hirten». (Oratório de Natal, de Bach — 1972).

AS OBRAS

CONCERTO N.º 1, em Dó Maior, Opus 15 — Beethoven compôs o primeiro de seus concertos para piano em 1795, mas por ter sido publicado mais tarde (Opus 19) é conhecido agora como o Segundo Concerto de Beethoven; ao passo que o seu concerto em dó maior (Op. 15), composto numa data posterior (e desconhecida) é agora chamado Primeiro Concerto. Estes dois concertos, da mesma forma que o terceiro em dó menor (Op. 37), escrito em 1800, pertencem ao século XVIII por seu formalismo, seu estilo clássico, sua linguagem graciosa e sua lucidez de expressão. Nestes três concertos o piano compraz-se em pura virtuosidade. Essas peças não são destituídas de interesse estético e nas suas frequentes execuções dão prazer aos amantes da música.

Cinco anos separam o Terceiro do Quarto concerto — anos de momentosa significação na vida de Beethoven. Foram estes os anos em que a certeza da surdez que se aproximava desencadeou uma luta titânica com sua alma, mas são também os anos de total amadurecimento artístico nos quais surge o poeta épico. Assim o Quarto Concerto encontra Beethoven no auge de sua força criadora e anuncia o raiar de uma nova era para os concertos de piano. Daí em diante ficaria o concerto para piano ligado a um conteúdo poético, à fôrça dramática, à expressão, tanto quanto à idéia de virtuosismo e à obra de trechos brilhantes.

O **Concêrto N.º 1, em Dó Maior,** escrito sob os moldes fixados por Mozart, no gênero, é dividido em três movimentos: o primeiro «Allegro con brio» constituído de uma elegante melodia; o segundo «Largo», um canto elegíaco e o Rondó, vivo e jovial.

Foi composto, no que dizem certos biógrafos, dois dias antes de sua primeira audição, executada pelo próprio autor.

SINFONIA Nº 9 EM RÉ MENOR, COM CÔRO FINAL BASEADO NA «ODE À ALEGRIA» DE SCHILLER, OPUS 125

A 9.a Sinfonia de Beethoven foi executada pela 1.a vez no KARNTHERTHOR THEATER, em Viena, a 7 de maio daquele ano e repetido em 23 de maio. A Sinfonia foi escrita para 2 flautas e piccolo, 2 aboés, 2 clarinetas, 2 fagotes e contra-fagote, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, 1 tímpano, 1 bombo, triângulo, pratos e cordas. A partitura é dedicada a Guilherme III da Prússia.

A Nona Sinfonia foi o resultado de longa germinação. Foi também a mais ambiciosa aventura de Beethoven, a sua heróica tentativa de consolidar os elementos da obra de sua vida, de dar a cada movimento sinfônico uma expressão mais ampla e mais elevada, de conciliar composição sinfônica e coral, de unir a fôrça da palavra à livre expressividade de seus adorados instrumentos. No final da sinfonia lutou valentemente para solucionar o seu problema. Conseguiu ele o seu intento de encontrar a fusão satisfatória de todas as forças sob o seu comando para comprovar a sua momentosa teoria? Alguns afirmam que o desafio de Beethoven é mais uma aventura do que uma solução. Não deve ser julgada com escrupuloso ôlho acadêmico, nem ser apontada como um modêlo. É tôsca, mesmo impetuosa; consegue arrebatar, permite aos cantores transporem suas dificuldades e transporta a audiência em sua exuberante trajetória.

O final não é simplesmente a forma musical de um texto. Seria justo afirmar que Beethoven mais procurou um texto que se adaptasse às suas intenções musicais do que desejava exaltar Schiller ou nos fazer um sermão sobre fraternidade universal. Este conceito e as inspiradoras linhas de Schiller o exaltaram, mas deles se apoderou simplesmente como material para as suas finalidades. Como os movimentos instrumentais procuram em cada caso trazer todas as partes integrantes da sinfonia em sua forma, para sua mais completa e definitiva expressão, assim o coral final procura erguer o conjunto para as mais elevadas esferas. O espírito do final não revela um nôvo Beethoven, mas o Beethoven conhecido das outras sinfonias, agora com carga muito maior, novas ambições, no espírito pesquisador dos seus últimos anos. O final da Nona Sinfonia continua sendo a exuberante culminação, familiar de outras obras. Os finais da «Eroica», da 5.a e da 7.a Sinfonia também são proclamações, odes à alegria sem palavras.

Foi durante os seus anos de estudante em Bonn que Beethoven se fixou no poema de Schiller e por muito tempo nada mais era do que uma vaga e esquecida anotação em seu caderno. O inebriante senso de liberdade nos versos devem tê-lo atraído como atraíam qualquer alemão. Enquadravam-se no espírito da época, o espírito que arrebatou a Europa e a América e Beethoven pertencia ao seu tempo. Não era político nem dado a cansativas preleições sobre a fraternidade humana. Era um idealista em questões relacionadas ao homem, a Deus e o universo, mas um idealista mais atuante do que teórico, cuja fé encontrava expressão concreta, poderosa e viva nos sons. Como escreveu Berlioz sobre o final em coral: «A alegria agora é religiosa, grave e imensa». Frases tão poéticas e ressonantes como «Miríades, vos abraço! Beijo todo o universo!» transformaram-se, com a força das vozes em coral, numa provocação capaz de conscientizar milhões de ouvintes através dos anos para um conceito nobre. Esse conceito jamais foi tão urgente, tão indispensável ao futuro do que hoje.

Muitas vezes Beethoven foi acusado de tratar o coral «instrumentalmente», forçando as vozes em demasía. Se não sofresse de surdez possívelmente trataria as vozes humanas mais gentilmente, porém, o movimento, como foi concebido e desenvolvido, não poderia ser diferente. Melodia de tensão crescente e climax dominante, encontra o seu final com uma lógica musical certeira e vital.

Alguns pedantes franzem o cenho, particularmente para o seu final «episódico». Também aquí Berlioz contesta: «A única resposta para o crítico que censura o compositor por ter violado a lei da unidade é tanto pior para a lei»! Beethoven nunca se escravizou à forma. O procedimento formal pertencia à sua natureza de artista, para ser convocado de acôrdo com as suas necessidades imediatas. O primeiro movimento é um exemplo maravilhoso de desenvolvimento idealizado por Beethoven, mas um desenvolvimento extendido por excursões temáticas e por uma longa coda, pela simples razão de que o compositor carregava muito no seu coração e tinha uma imaginação inesgotável.

Quem mais seria capaz de cortar um único traço na pauta musical? O scherzo se aproxima mais da tradição formal, mas se extende demasiadamente, e pela mesma razão. O movimento lento é uma alternação de duas secções em diferentes andamentos e rítmos, tratado no princípio de variação. O caprichoso Beethoven estava fazendo o que fazia nos seus quartetos — particularmente o quarteto em Lá menor com o adágio ao estilo Doriano — reconciliando duas secções diametralmente diversas com aquela magía toda sua que foje à análise.

A Sinfonia realmente representa o esfôrço do compositor de sintetizar numa única obra a experiência musical de toda a sua vida. Romain Rolland em seu livro La Neuvième Symphonie (1941) salienta a Nona Sinfonia como um resumo (une Somme de vie), mais do que o trabalho precursor que Beethoven nos teria dado em seus anos jovens. Escreveu ele: «A Nona Sinfonia é uma confluência. Nela se unem as numerosas correntes do passado remoto, de diversas fontes, dos sonhos e ambições humanos através dos tempos. Pode-se dizer também que examina as oito sinfonias precedentes e assim constrói o seu ápice do passado. O longo período ocorrido entre a Oitava e a Nova Sinfonias, deu à última uma outra perspectiva e transformou-a no sumário de toda uma vida. Reflete um espírito envelhecido, com suas feridas, que já viu o fim, amiúde amargo e enganador, da experiência e da esperança. A música é muitas vezes sombria e falta-lhe a fôrça da ilusão jovem. Procura vida nova, espreita novos horizontes, mas nada ficou como era. Falta o abandono do amor jovem, o jovem orgulho e ambição — mesmo o sofrimento jovem. Em vez disto o compositor encontra um presente incomparávelmente divino — ele encontrou o poder mágico do velho Próspero, e assim — quase à parte — novas forças vitais».

Assim a Nova Sinfonia é restrospectiva, uma junção de forças acumuladas da experiência de uma vida, o uso de materiais de construção não novos. Sete anos mais tarde Berlioz procuraria um novo caminho para a música com a sua Symphonie Fantastique. Mas seria errado considerar a Nona Sinfonia como uma estupenda cortina final para uma época. Embora não pudesse ser diretamente copiada, teve tremendo efeito sobre o futuro da música. Em muitos compositores implantou um irresistível desejo de produzir algo grandioso. Wagner a considerava com respeito místico. Brahms tremia diante da tarefa de adicionar uma nova sinfonia às imortais Nove. É incerto se Bruckner e Mahler teriam empreendido as suas grandiosas obras sinfônicas sem a Nona Coral para excitar as suas imaginações. Embora não oferecesse material específico aproveitável, incentivou a ambição para a imensidade através de todo um século Romântico.

I MOVIMENTO

Allegro ma non troppo, un poco maestoso

Todos os temas que se desdobram gradativamente de murmúrios misteriosos na orquestra — uma experiência habitual hoje em dia — se originaram nos compassos de abertura da Nona Sinfonia onde Beethoven concebeu a idéia de construir uma música com o domínio de quintas, quando é empregado um grande crescendo até que o tema própriamente dito seja revelado na abundante tonalidade de Ré Menor, executada em fortíssimo por toda a orquestra em conjunto. Pode-se acrescentar aquí que ninguém, desde então, conseguiu igualar o poderoso efeito do próprio precedente de Beethoven — nem mesmo Wagner, que dedicava veneração mística a essa página em particular e sem dúvida nela se inspirou quando descreveu a serenidade elementar do Rheno de forma muito semelhante na abertura do «Ring» (O anel dos Nibelungos).

O desenvolvimento deste movimento, o mais longo dos primeiros movimentos de Beethoven, se extende com inquebrantável força e majestade através de muitos episódios, de inúmeros clarões repentinos provenientes de algum fragmento dos seus temas. Na repetição do tema principal, a orquestra é inundada com o triunfo do Ré Maior por muito tempo reprimido. A coda longa, chegando num ponto em que aparentemente nada mais poderia ser dito sobre um objeto bem desenvolvido, extrai novos panoramas da inexaurível imaginação desse mágico dos sons que não precisava mais do que uma simples corda para nela erigir seus vastos esquemas.

Sobre este movimento escreve Tovey (em «Ensaios de Análise Musical») que «supera de longe qualquer outro primeiro movimento, longo ou curto, composto antes ou depois», alcançando, na opinião de Tovey, a sua estrutura através de um perfeito equilíbrio na organização de suas partes. Grove vai mais além (Beethoven e suas Nove Sinfonias): «Belos como são o segundo e o terceiro movimentos — e é impossível exagerá-los — e originais, vigorosos e impressionantes como são muitos trechos do final, ainda é o allegro de abertura que nos vem à memória quando se menciona a Nona Sinfonia. Em muitos sentidos difere de outros primeiros movimentos de Beethoven; tudo parece combinar para torná-la a maior de todas».

II MOVIMENTO

Molto vivace: Presto

Somente nesta sua sinfonia entre as nove, Beethoven inseriu o seu scherzo, segundo na ordem, e antes do movimento lento. É um scherzo em todos os sentidos menos no nome com as usuais repetições, o trio e «da capo» (com passagens de transição adicionadas). Existe o caráter de dança de scherzos anteriores e o éco de efeitos rústicos no trio, lembrando a Sexta e Sétima sinfonias. Todavia, tudo é elevado para um plano de pureza absoluta à medida que o movimento, como os demais, acrescenta uma nova voz à uma forma antiga. Diz-se desse scherzo que é «um milagre de repetição e monotonia», em virtude do incessante impacto do rítmo (associado aos tímpanos afinados em oitavas) que mantêm um curso constante através da mais surpreendente variação em modulação, côr, contraponto. O movimento se inicia com uma fuga a cinco vozes, lembrando o fato que Beethoven inicialmente concebeu o tema como objeto de uma fuga — os seus primeiros rascunhos que foram, eventualmente, incorporados à sinfonia. O trio mantém o interesse contrapontual através da combinação de dois temas. A famosa passagem do oboé contrapontando com as cordas lembrava a Berlioz «o efeito produzido pelo refrescante ar matinal, e pelos primeiros raios de sol de maio».

III MOVIMENTO

Adagio molto cantabile

O movimento lento é construido sobre dois temas cuja relação estrutural reside principalmente no contraste: o primeiro adágio em Si bemol, compasso 4-4, o segundo, andante moderado em Ré maior, compasso ternário. Após o adágio quase estático, o segundo tema consegue movimentação fluente nesta melodia que Beethoven marcou como «expressiva». Esse tema se repete, alternando-se com o outro, mas em oposição ao outro, quase não varia, exceto na instrumentação. O tema adágio sofre variações de ornamentos melódicos cada vez mais intricados como aqueles utilizados por Beethoven para elevar as suas últimas sonatas e quartetos a tão indiscretíveis pináculos de beleza.

IV MOVIMENTO

Presto (Quarteto vocal e coros)

O final se abre com uma franca dissonância seguida de um tempestuoso e clamoroso presto de sete compassos. Parece que o compositor, tendo extraído de seus primeiros três movimentos a última gôta que possuiam, continua inquieto e insatisfeito. Ele ainda precisa avançar na sua divina aventura, libertar-se de seus momentos trágicos ou pungentes, encontrar alguma nova expressão completa e radiante. Alguns compassos de cada movimento são revistos, e após cada um, um recitativo nos violoncelos e baixos dá uma resposta de completa rejeição; nos primeiros dois casos bruscamente, no caso de adágio suavizado por uma terna memória. Os instrumentos de Beethoven parecem prestes a falar. Uma sugestão do futuro tema coral é insinuada em acentos suaves pelos instrumentos de sôpro de madeira, à qual o recitativo, agora já não limitado às cordas, dá uma afirmação convincente. Daí em diante o tema em sua totalidade é desenvolvido em Ré Maior como deveria ser. É ouvido em primeiro lugar na máxima simplicidade (x) das cordas graves em união e, piano. Gradativamente são adicionados harmonia e instrumentos até que a exposição esteja concluída.

Mais uma vez se repete a ruidosa passagem presto, e o compositor pela primeira vez introduz palavras numa sinfonia. O barítono tem o seguinte recitativo:

(x) O tema coral tem sofrido críticas, provavelmente em virtude de sua extrema simplicidade. Não é preciso salientar que uma simplicidade básica, tratada com infinita sutileía e variedade, é a verdadeira essência da partitura do primeiro compasso até o último. Não o é sem motivo que Beethoven refinou e poliu esse tema através de duzentos rascunhos, para alcançar a sua beleza e perfeição final. Não faltam defensores renomados do tema. Escreveu Groce: O resultado de anos e anos de procura é digno de todo o aplauso que vem merecendo, pois uma melodia mais nobre e mais duradoura certamente não existe». Wagner: «Beethoven emancipou essa melodia de todas as influências da moda e variações de gôsto, e a elevou para um plano de humanidade pura e perene». Tovey (para mencionar uma autoridade recente), diz o mesmo, em apenas três palavras, designando-o apenas como «um grande tema».

«Oh, amigos, não esses sons,
Mas entoemos outros mais agradáveis e felizes
Imediatamente se seguem os primeiros três versos da Ode de Schiller (x) pelo quarteto solista e coral: —

(x) Pode ser anotado aqui que dos oito versos do poema de Schiller, Beethoven escolheu os primeiros três, a princípio sem os seus coros de quatro linhas e depois adicionou três corais em sucessão, um deles «Froh, wie seine Sonne flugen» pertencente ao quarto verso, que não utilizou de outra forma, obviamente escolhendo essas linhas pelas suas possibilidades militantes. Beethoven não poderia ter musicado parcela maior do texto; para musicar três estrofes teve que compor o movimento sinfônico mais longo que jamais foi feito. Todavia, Groce achava que Beethoven teve que superar o «mau gosto» de alguns dos versos de Schiller. Uma linha que o inglês Grove considerava como «uma das mais flagrantes escapadas» é essa: «Dieses Glas dem guten Geist!» (Este copo para o Bom Espírito!).

Alegria, bela faísca dos deuses,
Filha do Eliseu,
Entramos inebriados de fogo celeste, no teu altar.

A tua magía novamente une
O que a moda separou
Todos os homens se irmanam
Onde tuas suaves asas pousam

Aos que forem vitoriosos
Ser amigo d'um amigo
Quem tiver uma bela esposa
Junte-se ao nosso júbilo

Sim — quem só possuir a própria alma
Em todo o universo
Mas quem nunca conseguiu
Que, a chorar, se afaste deste Grupo

Todos bebem à alegria
Nos seios da natureza
Todos os bons, todos os maus,
Seguem as suas pegadas de rosas,
Beijos nos brindou e parreiras,
Um Amigo até o fim.
Alegria é dada ao verme
Alegria o querubim sente em Deus».

O côro de quatro linhas (para o quarto verso não usado) desperta na imaginação de Beethoven uma tropa em marcha e ele o manifesta em compassos orgulhosos e marciais «alla marcia», adicionando piccolo, contra-fagote, triângulo, címbalos e bombo à sua orquestra (novamente pela primeira vez numa sinfonia). Este é o verso dado ao tenor (solo) e coral:

«Feliz como seu sol voam
Pelos amplos planos dos céus,
Sigam seus caminhos irmãos
Como um herói em busca da vitória».

Após o excitamento dessa variação, Beethoven se permite ficar a sós com os seus instrumentos uma vez mais, e pela última vez, numa fuga dupla. O coral em seguida entoa (andante maestoso) os seguintes versos curtos de grande impacto utilizando três trombones para aumentar a sonoridade:

«Vos abraço miriades
Este beijo ao mundo todo
Irmãos sobre a tenda estelar
Certamente mora um Pai amante».

Um adágio religioso, numa atmosfera de devoção mística é o fundo do próximo verso:

«De joelhos, multidões?
Esperais o Criador no mundo?
Procurai-O no além das estrelas
Onde é a sua moradia».

Mas o verso chave do movimento é o primeiro: «Freude schoener Götterfunken» e este, com o seu côro «Seid umschlungen, Millionen» é resumido pelo quarteto e côro, e finalmente exaltado para o seu climax impulsivo na coda, prestissimo.

Tradução de **C. C. W. Sackiewicz**

Redação Musical
Teatro Municipal

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO

De 1 a 31 de Julho de 1975

promovido pela

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA da PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

com a colaboração da

SECRETARIA DE CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO GOVÊRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ELEAZAR DE CARVALHO: Diretor Artístico

14 CONCERTOS SINFÔNICOS (3 em forma de Oratório «L'Enfant et les Sortilèges»)
3 CONCERTOS DE MÚSICA DE CÂMARA
1 RECITAL DE VIOLINO E PIANO
6 RECITAIS DE PIANO
1 RECITAL DE PIANO A 4 MÃOS
1 RECITAL DE VIOLA E PIANO
1 SOIRÉE MUSICAL no FOYER do TEATRO MUNICIPAL à Luz dos Candelabros (Recital de Cravo: **ROBERTO DE REGINA**
2 Espetáculos Teatrais
1 Espetáculo de Bailado
3 Audições de Música de Câmara
1.º Quarteto com Piano
2.º Quarteto de cordas, Canto, Piano e Violino solos
3.º Septeto instrumental
1 Concerto Coral

34 Eventos durante o mês de JULHO

ELENCO

REGENTES

GERARD DEVOS ..... França
GUENTHER WICH ..... Alemanha
SETSUO TSUKAHARA ..... Japão
K. G. SIMMONDS ..... U.S.A.
ELEAZAR DE CARVALHO ..... Brasil
TULLIO COLACIOPPO ..... Brasil
CAMARGO GUARNIERI ..... Brasil
HENRIQUE MORELENBAUM ..... Brasil
DIOGO PACHECO ..... Brasil
ALMEIDA PRADO ..... Brasil
OLIVIER TONI ..... Brasil

CANTORES

Sopranos:
RUTH FALCON ..... U.S.A.
VICTORIA KERBAUY ..... Brasil
EDMAR FERRETTI ..... Brasil
ELIANE SAMPAIO ..... Brasil
NIZA DE CASTRO TANK ..... Brasil

Meio-sopranos:
CAROLE ROSEN ..... Inglaterra
GLÓRIA QUEIROZ ..... Brasil
CORINA CARNEIRO ..... Brasil

Contralto:
MARIÂNGELA RÉA ..... Brasil

Tenores:
ALDO BALDIN ..... Brasil
WILSON MARQUES ..... Brasil

Baixos:
KIM BORG ..... Finlândia
ZUÍNGLIO FAUSTINI ..... Brasil

INSTRUMENTISTAS

Piano:
ANTONIO BARBOSA ..... Brasil
SEBASTIÃO BENDA ..... Suiça
LAÍS DE SOUZA BRASIL ..... Brasil
ARNALDO ESTRELA ..... Brasil
NELSON FREIRE ..... Brasil
MICHAEL ISADOR ..... U.S.A.
JACQUES KLEIN ..... Brasil
WITOLD MALKUZYNSKI ..... Polonia
GIULIANO MONTINI ..... Brasil
ISIS MOREIRA ..... Brasil
SONIA MUNIZ ..... Brasil
ANNA STELA SCHIC ..... Brasil
ROBERTO SZIDON ..... Brasil
MAGDA TAGLIAFERRO ..... Brasil
GILBERTO TINETTI ..... Brasil
LESLIE WRIGHT ..... Equador

Violinos:
GINO ALFONSI ..... Brasil
CUSSY DE ALMEIDA ..... Brasil
EUGENE ALTSCHULER ..... U.S.A.
LOLA BENDA ..... Suiça
ARIANE P. BENDA ..... Suiça
ALEXANDRE SCHAFFMANN ..... Brasil
NATHAN SCHWARTZMAN ..... Brasil
UTO UGHI ..... Itália
MARIUCCIA IACOVINO ..... Brasil

Violas:
LUIGI BIANCHI ..... Itália
PERES DWORECKI ..... Hungria

Violas:
BELA MORI ..... Hungria
JOHANNES OELSNER ..... Alemanha
FREDERICK STEPHANY ..... Hungria

Cravo:
ROBERTO DE REGINA ..... Brasil

Violoncelos:
WALDEMAR DE ALMEIDA ..... Brasil
CALIXTO CORAZZA ..... Brasil
IBERÊ GOMES GROSSO ..... Brasil
PAULO TACETTI ..... Brasil

Flauta:
GRACE L. BUSCH ..... U.S.A.

Oboé:
SALVADOR MASANO ..... Brasil
BENITO SANCHES ..... Espanha

Clarineta:
LEONARDO RIGHI ..... Itália

Fagote:
ALAIN LACOUR ..... França
FERNANDO TANCREDI ..... Brasil
NOEL DEVOS ..... França

Trompas:
DANIEL HAVENS ..... U.S.A.
ENZO PEDINI ..... Itália
CHARLES CORNISH ..... U.S.A.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
ORQUESTRA DE CÂMARA ARMORIAL DO RECIFE
ORQUESTRA BARROCA ALEMÃ
CORAL MUNICIPAL | **CORAL LÍRICO**
CORAL PAULISTANO
CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL
COMPANHIA — REGINA DUARTE — peça «REVEILLON»
«MUSICAL AMERICANS CHORALE» (Coral norte-americano de 80 figuras)

À minha querida Mestra
que me ensinou a
reger o concerto de
Schumann, homenagem do
seu discípulo
Eleazar de Carvalho

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO

o pela Secretaria Municipal de Cultura, com a colaboração da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo

1 A 31 DE JULHO DE 1975

SEGUNDA FEIRA: 21 horas

7 CONCERTO DE CÂMARA
ORQ. ARMORIAL DO RECIFE

MOZART — Divertimento Nº 1
KARL STAMITZ — Concerto para Cordas (1746-1801)
MOZART — Pequena Música Noturna

PIETER HELLENDAAL — Concerto Nº 1 (1721-1799)
BACH — Concerto Duplo para 2 Violinos
Solistas:
CUSSY DE ALMEIDA e BIRGITTA FASSI FIHRI

14 TEATRO

REGINA DUARTE
em
REVEILLON
de Flavio Marcio

21 MÚSICA DE CÂMARA
CONJUNTO INSTRUMENTAL E VOCAL
FESTIVAL RAVEL

Soprano: E. Ferretti
Violinista: Cussy de Almeida
Pianista: Jacques Klein
QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL

SONATA PARA VIOLINO E PIANO
SCHEHERAZADE: Soprano — Quarteto

28 RECITAL DE PIANO
a 4 mãos
GILBERTO TINETTI
e
GIULIANO MONTINI

TERÇA FEIRA: 21 horas

1 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL

BEETHOVEN — Concerto Nº 1 em Do Maior
Solista: Jacques Klein
BEETHOVEN — 9ª Sinfonia
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO
Soprano: Ruth Falcon (USA)
Mezzo: Carole Rosen (Inglaterra)
Tenor: Aldo Baldin (Brasil)
Baixo: Kim Borg (Finlândia)
CORAL MUNICIPAL

8 CONCERTO DE CÂMARA
CAPPELA COLONIENSIS

Orquestra Barroca Alemã (40 figuras)
HAENDEL — Concerto Grosso, Op. 6
VIVALDI — Concerto para Viola d'amore, cordas, Lá Maior
RAMEAU — Ouverture e Suíte do Ballet «Les Fêtes d'Hébe»
MOZART — Sinfonia K. 425 (Linz)

15 TEATRO

Yara Amaral, Sérgio Mamberti, Énio Gonçalves, Mario Prata

Cenografia e Figurinos: Flavio Império
Direção: Paulo José
REVEILLON

22 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL

BRAHMS — Abertura Trágica
MOZART — Conc. para Viola e Orquestra K. 219
Solista: Violinista Natan Schwartzman
GUARNIERI — 2 Improvisos — Orq. de Arcos
GUARNIERI — Concerto Nº 4, Piano e Orquestra
Solista: Lais de Souza (Brasil)
Regente: CAMARGO GUARNIERI

29 CONCERTO CORAL

MUSICAN AMERICANS
CHORALE

QUARTA FEIRA: 21 horas

2 RECITAL DE PIANO
ROBERTO SZIDON

MOZART — Sonata em Re Maior, K. 576
LISZT — Variações sobre «Weinen, Klagen, Sorgen, Zagen» de J. S. Bach
VILLA-LOBOS — Suíte Florestal, Op. 97

SCRIABIN — Cinco Prelúdios, Op. 16
MUSSORGSKY — Quadros de Uma Exposição

9 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL

MAHLER — Adagietto da 5ª Sinfonia
VILLA-LOBOS — Uirapurú
BEETHOVEN — Concerto Nº 5 para piano e Orquestra
Solista. Antônio Barbosa
Regente: DIOGO PACHECO

16 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL

MOZART — Sinfonia Nº 40, K. 550
MICHEL PHILIPPOT — Composition Nº 2 para Piano e Orq. de Cordas
MAKOTO MOROI — Composição Nº 1
TSUKAHARA — Sinfonia Nº 1
Regente: SETSUO TSUKAHARA (Japão)

23 MÚSICA DE CÂMARA
CONJUNTO INSTRUMENTAL

Violino: E. Altschuller (USA)
Viola: Perez Dworecki
Cello: Waldemar de Almeida Jr.
Clarineta: Leonardo Righi
Fagote: Noel Devos (França)
Trompa: Daniel Havens (USA)
Piano: Sonia Muniz
Strawinsky — Strauss — Hindemith

30 ESPETÁCULO DE BAILADO
CORPO DE BAILE MUNICIPAL

Dedicado ao Congresso Internacional de Pesquisas Hidráulicas
1 — Concerto para Harpa e Orquestra — Debussy — Victor Navarro
2 — «Cenas» — Lasry - Baschet - M. Ansaldi
3 — «Soledad» — Piazzola — A. C. Cardoso
4 — Sem Título — Colagem — A. C. Cardoso
5 — Uma das Quatro — Vivaldi — V. Navarro

QUINTA FEIRA: 21 horas

3 CONCERTO DE CÂMARA
CAMERATA BENDA

Violinos: Lola Benda e Ariane Benda
Viola: Perez Dworecki — Celo: Calixto Corazza
Flauta. Grace Busch — Oboé: Salvador Masano
Clarinete: Leonardo Righi
Fagote: Alain Lacour — Trompa: Daniel Havens
Piano: Sebastian Benda
Dvorak, Mozart e Poulenc

10 RECITAL DO PIANISTA
WITOLT MALCUZYNSKI

17 RECITAL DO PIANISTA
NELSON FREIRE

24 RECITAL: VIOLA E PIANO

Violista: Luigi Bianchi (Itália)
Pianista: L. Wright (Equador)
J. N. HUMMEL — Sonata Mi bemol Maior
MENDELSSOHN — Sonata Dó Maior

MILHAUD — Quatre Visages
BRAHMS — Sonata em Mi bemol Maior — Op. 120 — Nº 2

31 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
ENCERRAMENTO

RACHMANINOFF — Concerto Nº 2 para Piano e Orquestra
Solista: Jacques Klein
MAHLER — Sinfonia Nº 2
Solistas: Soprano:
Meio-soprano: Glória Gueiroz
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

SEXTA FEIRA: 21 horas

4 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL

FESTIVAL DE MÚSICA FRANCESA
J. Ph. RAMEAU — IIIº Concerto em Sextuor
SAINT-SAENS — Concerto Nº 5 — Piano
Solista: Tagliaferro
BERLIOZ — Sinfonia Fantástica
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

11 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL

FESTIVAL MOZART-TSCHAIKOWSKY
MOZART — Sinfonia Concertante
Oboé, Clarineta, Corne - Inglês, Fagote
Solistas: Sanchez, Righi, Pedini e Trancredo
Concerto para Violino e Orquestra, K 216
Solista: Cussy de Almeida
TSCHAIKOWSKY — Concerto para Piano e Orq.
Solista: Malcuzynski
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

18 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL

UM ENCONTRO COM OS 4 PERÍODOS DA MÚSICA BRASILEIRA
PADRE JOSÉ MAURICIO — Ulisseia
Regente: O. TONI
Solista. V. Kerbauy
ALBERTO NEPOMUCENO — Sinfonio Sol m.
Regente: H. MORELENBAUM
ALMEIDA PRADO — Exoflora
Regente: o autor
Solista: Isis Moreira
VILLA-LOBOS — Choros Nº 10
CORAL MUNICIPAL
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

25 ÓPERA em versão de oratório
FESTIVAL RAVEL
(em comemoração ao centenário do seu nascimento)
PROGRAMA
MA MÈRE L'OYE
DAPHNIS ET CHLOE, Suíte
II Parte
L'ENFANT ET LES SORTILÈGES
Fantasia Lírica em 2 partes
Regente: GERARD DEVOS (França)
ORQUESTRA MUNICIPAL
CORAL PAULISTANO

SÁBADO: 21 horas

5 RECITAL: VIOLINO E PIANO

Violinista: Uto Ughi (Itália)
Pianista: M. Isador (USA)

BEETHOVEN — Sonata Nº 1 — Re M., Op. 12
BRAHMS — Sonata em La M., Op. 100

PROKOFIEFF — Sonata em Ré M., 94 (Bis)
PAGANINI — Szymanowski
Dois Caprichos p/ Violino e Piano

12

Anteriormente
cedida

19 MÚSICA DE CÂMARA
QUARTETO GUANABARA

SCHUMANN — Qto. — Op. 17, Mi bemol M.
R. GNATTALI — Qto. — Op. 2
G. MAHLER — Qto. em la menor
G. FAURÉ — Qto. — Op. 15 — dó menor

ESTRELA — IACOVINO — STEPHANY — Piano — Violino — Viola — Violoncelo
GOMES GROSSO

26 RECITAL: PIANO
JACQUES KLEIN
BEETHOVEN - BRAHMS

BEETHOVEN
Sonata — Op. 110
Sonata — Op. 111
BRAHMS
Sonata Nº 3 em fá m.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA, DANÇA E TEATRO

promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, com a colaboração da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de S

1 A 31 DE JULHO DE 1975

DOMINGO: 10 horas

6 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
FESTIVAL DE MÚSICA FRANCESA
Mesmo programa de Sexta Feira, dia 4

13 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
FESTIVAL MOZART - TCHAIKOWSKY
Mesmo programa de Sexta Feira, dia 11

20 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
UM ENCONTRO COM OS 4 PERÍODOS DA MÚSICA BRASILEIRA
Mesmo programa de Sexta Feira, dia 18

Às 20 horas no FOYER
O CRAVO de ROBERTO DE REGINA

27 ÓPERA
em versão de oratório
FESTIVAL RAVEL
Mesmo programa de Sexta Feira, dia 25
com os mesmos intérpretes

SEGUNDA FEIRA: 21 horas

7 CONCERTO DE CÂMARA
ORQ. ARMORIAL DO RECIFE
MOZART — Divertimento Nº 1
KARL STAMITZ — Concerto para Cordas (1746-1801)
MOZART — Pequena Música Noturna

PIETER HELLENDAAL — Concerto Nº 1 (1721-1799)
BACH — Concerto Duplo para 2 Violinos
Solistas:
CUSSY DE ALMEIDA e BIRGITTA FASSI FIHRI

14 TEATRO
REGINA DUARTE
em
REVEILLON
de Flavio Marcio

21 MÚSICA DE CÂMARA
CONJUNTO INSTRUMENTAL E VOCAL
FESTIVAL RAVEL
Soprano: E. Ferretti
Violinista: Cussy de Almeida
Pianista: Jacques Klein
QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL

SONATA PARA VIOLINO E PIANO
SCHEHERAZADE: Soprano — Quarteto

28 RECITAL DE PIANO
a 4 mãos
GILBERTO TINETTI
e
GIULIANO MONTINI

TERÇA FEIRA: 21 horas

1 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
BEETHOVEN — Concerto Nº 1 em Do Maior
Solista: Jacques Klein
BEETHOVEN — 9ª Sinfonia
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO
Soprano: Ruth Falcon (USA)
Mezzo: Carole Rosen (Inglaterra)
Tenor: Aldo Baldin (Brasil)
Baixo: Kim Borg (Finlândia)
CORAL MUNICIPAL

8 CONCERTO DE CÂMARA
CAPPELA COLONIENSIS
Orquestra Barroca Alemã (40 figuras)
HAENDEL — Concerto Grosso, Op. 6
VIVALDI — Concerto para Viola d'amore, cordas, Lá Maior
RAMEAU — Ouverture e Suíte do Ballet «Les Fêtes d'Hébe»
MOZART — Sinfonia K. 425 (Linz)

15 TEATRO
Yara Amaral, Sérgio Mamberti, Ênio Gonçalves, Mario Prata
Cenografia e Figurinos: Flavio Império
Direção: Paulo José
REVEILLON

22 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
BRAHMS — Abertura Trágica
MOZART — Conc. para Viola e Orquestra K. 219
Solista: Violinista Natan Schwartzman
GUARNIERI — 2 Improvisos — Orq. de Arcos
GUARNIERI — Concerto Nº 4, Piano e Orquestra
Solista: Lais de Souza (Brasil)
Regente: CAMARGO GUARNIERI

29 CONCERTO CORAL

MUSICAN AMERICANS
CHORALE

QUARTA FEIRA: 21 horas

2 RECITAL DE PIANO
ROBERTO SZIDON
MOZART — Sonata em Re Maior, K. 576
LISZT — Variações sobre «Weinen, Klagen, Sorgen, Zagen» de J. S. Bach
VILLA-LOBOS — Suíte Florestal, Op. 97

SCRIABIN — Cinco Prelúdios, Op. 16
MUSSORGSKY — Quadros de Uma Exposição

9 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
MAHLER — Adagietto da 5ª Sinfonia
VILLA-LOBOS — Uirapurú
BEETHOVEN — Concerto Nº 5 para piano e Orquestra
Solista. Antônio Barbosa
Regente: DIOGO PACHECO

16 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
MOZART — Sinfonia Nº 40, K. 550
MICHEL PHILIPPOT — Composition Nº 2 para Piano e Orq. de Cordas
MAKOTO MOROI — Composição Nº 1
TSUKAHARA — Sinfonia Nº 1
Regente: SETSUO TSUKAHARA (Japão)

23 MÚSICA DE CÂMARA
CONJUNTO INSTRUMENTAL
Violino: E. Altschuller (USA)
Viola: Perez Dworecki
Cello: Waldemar de Almeida Jr.
Clarineta: Leonardo Righi
Fagote: Noel Devos (França)
Trompa: Daniel Havens (USA)
Piano: Sonia Muniz
Strawinsky — Strauss — Hindemith

30 ESPETÁCULO DE BAILADO
CORPO DE BAILE MUNICIPAL
Dedicado ao Congresso Internacional de Pesquisas Hidráulicas
1 — Concerto para Harpa e Orquestra — Debussy — Victor Navarro
2 — «Cenas» — Lasry - Baschet - M. Ansaldi
3 — «Soledad» — Piazzola — A. C. Cardoso
4 — Sem Título — Colagem — A. C. Cardoso
5 — Uma das Quatro — Vivaldi — V. Navarro

QUINTA FEIRA: 21 horas

3 CONCERTO DE CÂMARA
CAMERATA BENDA
Violinos: Lola Benda e Ariane Benda
Viola: Perez Dworecki — Celo: Calixto Corazza
Flauta. Grace Busch — Oboé: Salvador Masano
Clarinete: Leonardo Righi
Fagote: Alain Lacour — Trompa: Daniel Havens
Piano: Sebastian Benda
Dvorak, Mozart e Poulenc

10 RECITAL DO PIANISTA
WITOLT MALCUZYNSKI

17 RECITAL DO PIANISTA
NELSON FREIRE

24 RECITAL: VIOLA E PIANO
Violista: Luigi Bianchi (Itália)
Pianista: L. Wright (Equador)
J. N. HUMMEL — Sonata Mi bemol Maior
MENDELSSOHN — Sonata Dó Maior

MILHAUD — Quatre Visages
BRAHMS — Sonata em Mi bemol Maior — Op. 120 — Nº 2

31 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA SINFÔNICA ESTADUAL
ENCERRAMENTO
RACHMANINOFF — Concerto Nº 2 para Piano e Orquestra
Solista: Jacques Klein
MAHLER — Sinfonia Nº 2
Solistas: Soprano:
Meio-soprano: Glória Gueiroz
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

SEXTA FEIRA: 21 horas

4 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
FESTIVAL DE MÚSICA FRANCESA
J. Ph. RAMEAU — IIIº Concerto em Sextuor
SAINT-SAENS — Concerto Nº 5 — Piano
Solista: Tagliaferro
BERLIOZ — Sinfonia Fantástica
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

11 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
FESTIVAL MOZART-TSCHAIKOWSKY
MOZART — Sinfonia Concertante
Oboé, Clarineta, Corne - Inglês, Fagote
Solistas: Sanchez, Righi, Pedini e Trancredo
Concerto para Violino e Orquestra, K 216
Solista: Cussy de Almeida
TSCHAIKOWSKY — Concerto para Piano e Orq.
Solista: Malcuzynski
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

18 CONCERTO SINFÔNICO
ORQUESTRA MUNICIPAL
UM ENCONTRO COM OS 4 PERÍODOS DA MÚSICA BRASILEIRA
PADRE JOSÉ MAURICIO — Ulisseia
Regente: O. TONI
Solista. V. Kerbauy
ALBERTO NEPOMUCENO — Sinfonio Sol m.
Regente: H. MORELENBAUM
ALMEIDA PRADO — Exoflora
Regente: o autor
Solista: Isis Moreira
VILLA-LOBOS — Choros Nº 10
CORAL MUNICIPAL
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

25 ÓPERA em versão de oratório
FESTIVAL RAVEL
(em comemoração ao centenário do seu nascimento)
PROGRAMA
MA MÈRE L'OYE
DAPHNIS ET CHLOE, Suíte
II Parte
L'ENFANT ET LES SORTILÈGES
Fantasia Lírica em 2 partes
Regente: GERARD DEVOS (França)
ORQUESTRA MUNICIPAL
CORAL PAULISTANO